



MARINA APARECIDA PACHECO LEÃO

**SLAM DAS MINAS: UM DISCURSO DE RESISTÊNCIA  
ATRAVÉS DA POESIA**

LAVRAS – MG

2021

**MARINA APARECIDA PACHECO LEÃO**

**SLAM DAS MINAS: UM DISCURSO DE RESISTÊNCIA  
ATRAVÉS DA POESIA**

**SLAM DAS MINAS: A RESISTANCE SPEECH THROUGH  
POETRY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês e suas Literaturas.

APROVADA EM

Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim

---

Profa. Dra. Márcia Fonseca de Amorim

Orientador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar saúde e força para ir atrás dos meus objetivos.

Agradeço aos meus pais, Ivone e João Batista, por sempre me apoiarem e acreditarem no meu potencial. Sem eles, nada disso seria possível. Obrigada por me incentivarem e fazerem dos meus sonhos, os sonhos de vocês. Essa conquista é nossa!

Agradeço ao meu irmão, Guilherme, pela amizade e pelos conselhos.

Agradeço a minha namorada, Nadine, por não me deixar esquecer o quanto sou capaz. Obrigada pelo afeto, por sempre estar ao meu lado e por me motivar, com tanta calma e sabedoria, a nunca desistir.

Agradeço aos meus amigos de curso, em especial ao Brendellin, Jessiara, Larissa e Marcela, que compartilharam a vida pessoal e acadêmica ao meu lado. Obrigada pelo companheirismo e por terem tornado a minha trajetória na UFLA ainda mais bonita.

Agradeço às minhas amigas de Lavras, Juliana e Tainá, e aos meus companheiros de vida de Morro do Ferro, primordialmente, Ana Laura, Henrique, Maria Clara, Rafaella e Vanessa, obrigada por me encorajarem a sempre ir mais longe.

Agradeço a Profa. Márcia Fonseca de Amorim, pela orientação, paciência e por tanto, tanto ensinamento. Obrigada por abraçar o meu trabalho!

Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram para a minha formação enquanto pessoa e enquanto profissional, vocês foram e são inspiração para mim. Agradeço a todos os funcionários da UFLA que a mantiveram em vigor durante toda a minha graduação.

Agradeço, por fim, ao Slam das Minas e a todos os poetas que seguem acreditando na celebração da poesia, trazendo amor, luta e resistência para as ruas e para os corações.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações sociais construídas discursivamente por mulheres integrantes do Slam das Minas de si mesmas e do outro por meio da expressão artística inscrita neste movimento. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado um estudo sobre sujeito e representações sociais ancorado nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. Posteriormente, foram analisados três manifestos presentes no movimento Slam das Minas, com o intuito de destacar características comuns no interior desses manifestos. O Slam consiste em um movimento social/cultural em que as integrantes relatam experiências e visões de mundo por meio de poesias que são declamadas pelas próprias autoras. Os versos trazem histórias de silenciamentos, lutas por direitos iguais entre homens e mulheres e entre negros e brancos. Por meio deste estudo, busca-se ouvir o que essas vozes no interior do Slam têm a dizer sobre a condição social da mulher e proliferar os espaços para fazê-las ouvidas. Ou seja, busca-se dar visibilidade às narrativas, apontando as especificidades do movimento e mostrando a relevância dele para as mulheres que o integram. Para alcançar os conceitos pertinentes da pesquisa, aludimos, como suporte teórico, alguns autores e autoras, como Michel Foucault (1996, 2008), Michel Pêcheux (1990, 1999, 2002, 2014), Eni Puccinelli Orlandi (1999, 2005, 2007, 2017), Pierre Achard (1999), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo através de uma observação do movimento Slam das Minas e, sobretudo, de uma análise discursiva das poesias inscritas no movimento. O trabalho apresenta referências comuns encontradas nas análises dos poemas, trazendo uma reflexão ao discorrer sobre os acontecimentos que perpassam a história do Slam. As análises mostram como o espaço conquistado através do Slam das Minas pode ser considerado um lugar de “empoderamento”, denúncia e consciência que contribui para o discernimento de diversas pautas feministas atreladas à expressão artística.

**Palavras-chave:** análise discursiva; slam das minas; poesias; discurso; memória; silenciamento.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the social representations through the speech of the female members of the *Slam das Minas* of themselves and of others through the artistic expression registered in this movement. To achieve the proposed objective, a study was carried out on the subject and the social representations anchored in the theoretical assumptions of Discourse Analysis. Subsequently, the three manifestos present in the *Slam das Minas* movement were analyzed, in order to highlight common characteristics within these manifestos. A Slam consists of a social / cultural movement in which members report experiences and worldviews through poetry that is recited by the authors themselves. The verses bring stories of silences, struggles for equal rights between men and women and between blacks and whites. Through this study, we seek to hear what these voices within Slam have to say about the social condition of women and to proliferate spaces to make them heard. In other words, it seeks to give visibility to the narratives, pointing out the specificities of the movement and showing its relevance to the women who are part of it. To reach the pertinent concepts of the research, we mentioned, as theoretical support, some authors, such as Michel Foucault (1996, 2008), Michel Pêcheux (1990, 1999, 2002, 2014), Eni Puccinelli Orlandi (1999, 2005, 2007, 2017), Pierre Achard (1999), among others. This is qualitative research through the observation of the *Slam das Minas* movement and, above all, a discursive analysis of the poetry inscribed in the movement. The work presents common references found in the analysis of the poems, bringing a reflection when discussing the events that permeate the history of Slam. The analysis show how the space conquered through the Slam das Minas can be considered a place of “empowerment”, denunciation and awareness that contributes to the discernment of several feminist agendas linked to artistic expression.

**Keywords:** discursive analysis; slam das minas; poetry; speech; memory; silencing.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	p. 7
2	PARA ALÉM DA PALAVRA: A TRAJETÓRIA DO SLAM DAS MINAS .....	p. 10
2.1	O corpo do outro do outro .....	p. 12
3	POESIA MARGINAL: É TUDO NOSSO .....	p. 14
4	SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO .....	p. 16
4.1	Sujeito: língua, história e ideologia .....	p. 16
4.2	O silenciamento na memória .....	p. 18
5	AS VOZES DAS POESIAS .....	p. 22
5.1	SLAM DAS MINAS RJ - FINAL 2017 - Carol Dall Farras .....	p. 23
5.2	MANA - Gênese .....	p. 27
5.3	MANIFESTA SLAM DAS MINAS! - Carolina Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte e Pam Araújo .....	p. 30
5.4	RELAÇÃO DISCURSIVA ENTRE AS POESIAS .....	p. 33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	p. 36
7	REFERÊNCIAS .....	p. 38
8	ANEXO .....	p. 40

## 1 INTRODUÇÃO

*“Falando da nossa realidade  
Isso sim é sinônimo de felicidade  
Porque a nossa essência  
É pura resistência.”*

- *Tawane Theodoro*

O Slam das Minas é um movimento artístico e político em que mulheres se unem a fim de relatarem suas realidades e de protestarem contra o patriarcado, o racismo, o machismo e outras formas de opressão existentes em muitas sociedades. A poesia inserida dentro do Slam se torna um espaço de acolhimento e de referência para diversas vozes que foram e são silenciadas pela sociedade. Torna-se, também, uma fonte de reflexão social, cultural e política ainda necessária na contemporaneidade. De acordo com Almeida (2017), "Slam é a palavra e o corpo de quem declama a poesia."

A incitação por pesquisar o tema surge pela inquietação de conhecer produções femininas de grupos periféricos e pelo desejo de ouvir o que as ruas "falam". Há diversos elementos a serem explorados nesse movimento, mas este estudo buscou analisar os elementos que norteiam o posicionamento ideológico defendido no e pelo Slam das Minas. Esses elementos dizem respeito aos pontos comuns dos discursos incorporados nas poesias que delimitam o espaço social em que os sujeitos se encontram inseridos, ou seja, o lugar de fala desses sujeitos e o que esse lugar mostra do sujeito.

Ao focar nas mulheres, em suas narrativas e em suas experiências em sociedade, questões relevantes surgiram sobre o Slam das Minas: que representações sociais essas mulheres constroem de si mesmas? O que os discursos dessas mulheres carregam em comum? Que reivindicações integram os discursos disseminados no e pelo Slam das Minas? Como elas constroem discursivamente o outro por meio da expressão artística inscrita no movimento?

Como objetivo geral, buscou-se compreender, com base no olhar das slammers sobre o próprio movimento, como as mulheres se constroem discursivamente e como elas constroem discursivamente o outro por meio da expressão artística consistente no coletivo. Também foi observado que temáticas foram as mais abordadas nas poesias declamadas, quais foram as reivindicações encontradas em seus discursos e que memórias são evocadas por meio do movimento.

Para alcançar os objetivos propostos, foi traçada uma pesquisa qualitativa por meio da análise de quinze poesias declamadas pelo Slam das Minas Br. Trata-se de materiais audiovisuais disponibilizados nas redes sociais de grupos específicos e no YouTube. Dentre essas poesias, foram selecionadas três para comporem este estudo. As análises visam apontar como as poetas se constroem discursivamente e como elas constroem o outro no interior de cada poesia. Também foi utilizado neste estudo o trabalho realizado por Roberta Estrela D’Alva intitulado *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o Poetry Slam entra em cena*, a fim de compreender os elementos performáticos consistentes nesta modalidade falada que transcende o entretenimento e vai além da poesia canônica, abraçando a poesia marginal. Foi necessário recorrer ao conceito de marginalidade com o intuito de embasar a análise crítica proposta.

O presente estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: em um primeiro momento, foi apresentado um pouco da história do Slam das Minas, especificando as reivindicações presentes nos discursos disseminados no interior do movimento e os relacionando com o conceito de lugar de fala entendido por Ribeiro (2017). Foi elucidado um breve conceito da Poesia Marginal, apontando suas especificidades de modo a indicar sua importância e sua relação com o Slam das Minas. Para isso, foi usado como embasamento alguns estudiosos e escritores como: Heloísa Buarque de Hollanda (2007), Glauco Mattoso (1981), Sérgio Vaz (2008), Estrela D’Alva (2011), entre outros.

No capítulo subsequente, foi desenvolvida uma análise discursiva de quinze poesias, apontando suas especificidades e os elementos discursivos que as compõem. Para uma análise mais detalhada, foram escolhidas três poesias recitadas em saraus. São elas: *slam das minas rj - final 2017 - Carol Dall Farras, ""mana"" - Gênesis e “manifesta slam das minas!”* – declamadas respectivamente por Carolina Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte e Pam Araújo. Para alcançar os conceitos pertinentes à pesquisa, foram aludidos, como suporte teórico, autores e autoras como Foucault (1996, 2008), Pêcheux (1990, 1999, 2002, 2014), Orlandi (1999, 2005, 2007, 2017), Achard (1999), Ribeiro (2017), entre outros. As poesias selecionadas foram escolhidas por abordarem narrativas que trazem vertentes do passado que, durante muito tempo, foi contado por uma única voz, mas que, agora, se mostra sob outras perspectivas. Ao acionarem o passado em seus versos, as autoras das poesias convocam acontecimentos contemporâneos que refletem questões sociais pertinentes para compreender a sociedade em que se vive e olhá-la com um olhar mais crítico e atento. Nas análises, foram apontados quais elementos participam

na ação discursiva, que discursos foram evocados e quais foram refutados e que ramificações esses discursos promovem.

No último capítulo, foram apresentadas as considerações finais, retomando o itinerário da pesquisa e sugerindo caminhos possíveis de aprofundamento acerca da temática referida.

## 2 PARA ALÉM DA PALAVRA: A TRAJETÓRIA DO SLAM DAS MINAS

“Poemas  
são rezas  
apressadas.”

- Luz Ribeiro

‘Slam’ é uma palavra que se refere a uma onomatopeia da língua inglesa, que, no português, corresponde à batida de uma porta, próximo ao nosso “Pá!”. Assim, Marc Kelly Smith nomeou os campeonatos de performance poética que organizava. As batalhas de poesia, Slam, ou melhor, Poetry Slam, originaram nos Estados Unidos na década de 1980. Parafraseando Freitas (2020), no artigo *Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência*, O Poetry Slam surgiu no mesmo contexto em que o hip hop, logo suas bases culturais se aproximam e se assemelham em diversos aspectos e, assim como o movimento do hip hop, o Slam também ganhou força e se expandiu por todo o mundo.

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia fala, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D’ALVA, 2011, p. 120)

A definição de Roberta Estrela D’Alva - slammer (poetisa) brasileira que, após 28 anos do nascimento do Slam Poetry, no ano de 2008, deu voz ao movimento no Brasil, na cidade de São Paulo - explica com eficácia e propriedade a ideia do Slam. D’Alva é atriz, poetisa, música e apresentadora do programa Manos e Minas, na Tv Cultura, e foi a organizadora do *ZAP! Slam*, a primeira batalha de poesias do Brasil. Em 2015, foi a vez do Slam das Minas ganhar forma e espaço.

A página *Correio Braziliense* traz uma publicação de grande relevância para uma maior compreensão de como o movimento Slam das Minas foi introduzido no Brasil ao publicar, no dia 13/10/2016, uma matéria intitulada *Slam das Minas reúne mulheres em competição de poesia*. Na matéria, é informado que o primeiro Slam das Minas aconteceu em Maio de 2015, no Distrito Federal, com Tati Nascimento e, além disso, relata que as muitas edições tiveram espaço nas regiões de Brasília e uma delas foi concretizada dentro de um presídio feminino.

A iniciativa da construção do Slam das Minas se deu em virtude da pouca visibilidade que as mulheres tinham no meio das disputas. No Slam BR de 2015, por exemplo, mesmo as mulheres sendo a maioria na participação das batalhas, somente uma delas conseguiu passar para a segunda fase da disputa. “*Os versos das mulheres não perdiam em nada para os versos dos caras, então como a gente não conseguia passar de fase?*”, conta Luz Ribeiro em uma entrevista para o blog “Capricho” com a repórter Amanda Oliveira no dia 24 de Março de 2018. Nessa edição, ficou muito claro para as poetisas o quanto ninguém queria ouvir manifestações femininas. Logo, essas mulheres sentiram a necessidade de construir e garantir espaços que permitissem suas manifestações e que ouvissem as suas vozes. De acordo com o Portal KondZilla (2018), reconhecido por ser um canal de notícias para o jovem da favela, em 2016, surgiu a versão Paulista, organizada por Pam Araújo, Carol Peixoto, Luz Ribeiro e Mel Duarte. A partir de então, o movimento começou a se expandir e ganhar mais visibilidade.

Estrela D’alva (2011) afirma que as batalhas seguem os mesmos princípios em todo o mundo: os versos devem ser autorais, cada poeta tem até três minutos para declamar suas poesias e não pode haver acompanhamentos de outros artefatos artísticos como figurino, cenário e música. O júri, geralmente, é definido pela plateia. A cada poesia declamada, as notas são concedidas. No final, é indicada a ganhadora da rodada. A autora apresenta o processo que as slammers passam até a etapa das apresentações e a dinâmica de encontro e de troca entre o artista e o público. D’alva (2011) reitera que as poetisas passam por um processo de concentração e de expansão, em que objetivam levar suas ideias para os espectadores e para o júri e provocar, por meio de suas poesias, a emoção do público.

No Slam das Minas, esses encontros e essas trocas acontecem em um determinado dia em que as mulheres participantes do coletivo se reúnem e fazem o evento acontecer, levando para outras mulheres o desejo e a oportunidade de se expressarem, de dizerem o que atravessa as suas vivências, seus medos e suas superações.

Ao analisar a performance poética do ponto de vista do discurso, uma noção essencial para o seu entendimento é a de autorrepresentação. Conforme o DJ Lima, a autorrepresentação está, também, no posicionamento artístico, em que as identificações e as experiências do artista são manifestadas em sua obra: “a obra de arte como meio específico da vida e do discurso político do artista.” (LIMA, 2003, p. 5, citada por D’ALVA, 2011, p. 122). De acordo com Lima, por meio da arte é possível transformar a

existência individual na vivência coletiva – ao se representar, representar, também, o outro.

No Slam, a ideia de identificação e de coletividade perpassa a concepção de singularidade, trazendo, para as/os slarmmes e para o público, um sentimento de pertencimento. Para Balbino (2016), o caráter performático dos/das slammers também potencializa a capacidade de escuta do outro. Isso faz com que o espaço proporcionado pelo Slam seja um espaço de soma, união e coletividade. E é pela autorrepresentação que uma slammer representa a sua comunidade.

Para além da representatividade, o Slam também é um lugar em que a liberdade é solicitada. Para D’Alva (2011), o Slam “é um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.” (p. 125) Dessa forma, a palavra, no interior do Slam, pode ser vista como uma ferramenta de resistência e de liberdade.

As diferenças dentro do movimento Slam das Minas são ouvidas, e mais ainda, são requisitadas. Um fator significativo do coletivo é o espaço designado para que diferentes narrativas se materializem, manifestando, assim, os seus próprios enredos. O subtópico deste capítulo traz a questão do direito à voz ao abordar a ideia de lugar de fala entendida por Ribeiro (2017); outro ponto destacado no tópico subsequente é a posição social do corpo da mulher preta, que é, segundo Ribeiro (2017), o outro do outro.

## **2.1 - O corpo do outro do outro**

Ao considerar o objeto de estudo desta pesquisa que tem majoritariamente a presença de vozes de mulheres negras, o trabalho de Ribeiro (2017) se faz pertinente por manifestar uma premissa que se relaciona com questões raciais e discursivas. Ribeiro (2017) traz questões referentes às diversas formas de manifestar o feminismo e aborda, sobretudo, uma reflexão acerca ao feminismo negro. A autora visa evidenciar o lugar de fala de modo a romper o silenciamento imposto às mulheres negras por uma sociedade que ainda manifesta ações racistas e excludentes. Ademais, Ribeiro contribui para a compreensão da linguagem como ferramenta de resistência. Para ela, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.” (p.36)

Ribeiro (2017) pontua a invisibilidade e o silenciamento das vozes de mulheres negras no decorrer da história e destaca a necessária importância de ouvir todas as

narrativas dentro de suas singularidades. Desse modo, o lugar de fala rompe uma narrativa homogênea extraída sobre um único ponto de vista. Como ressalta a autora:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (...) Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (p. 25)

O silenciamento é resultado da articulação da opressão que privilegia determinado grupo social e inviabiliza outro. Ribeiro ressalta a importância de ocupar o lugar de fala a fim de reivindicar direitos e reafirmar a identidade.

De acordo com Ribeiro (2017), para Simone de Beauvoir, a mulher é o outro, uma vez que não é vista como igual perante a figura do homem. Entretanto, para Ribeiro (2017), a mulher negra seria o outro do outro, já que se encontra em uma posição na qual nem a masculinidade nem a branquitude a representa. Assim, a mulher negra é colocada em um lugar social isolado e subalterno da sociedade. Ribeiro (2017) aponta que as “mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de Outro do Outro.” (p. 23)

Em recorrência ao exposto, entende-se a relevância do coletivo Slam das Minas não só para as mulheres, enfatizando as mulheres negras, mas para toda a sociedade, pois contribui para o questionamento e o entendimento da história e da atual realidade social. Evidencia-se a exigência de criar um futuro pautado na igualdade de vozes e no direito de ser ouvido, reivindicação de sujeitos situados à margem da sociedade, por meio de lutas e de manifestações artístico-culturais, o que remonta à poesia marginal, próximo tópico a ser abordado neste estudo.

### 3 POESIA MARGINAL: É TUDO NOSSO

*“Que sejamos tão presentes,  
semente dos melhores exemplos  
da literatura nacional.  
Graduação em rua,  
mestrado em poesia marginal.”*

• Moto Tai

A cultura marginal surgiu em um período de revolta na história do Brasil: a ditadura militar. E seus poetas eram, segundo Hollanda (2014, s/p, citada por Campos, 2015, p. 106), “marginais da vida política do país, marginais do mercado editorial, e, sobretudo, marginais do cânone literário.” Segundo Mattoso (1981, p.8), “tudo que não se enquadrasse num padrão estabelecido ficou sendo marginal.” A poesia marginal consistiu no emprego de um vocabulário isento da formalidade e de uma sintaxe que desconsiderava as regras da gramática. Teve como objetivo prestar uma crítica aos conservadorismos da sociedade, incorporando à Literatura discursos que abordavam a violência das grandes cidades. Foi um movimento cultural primordial para uma geração que buscou se expressar, por meio da literatura, de uma maneira distante dos padrões tradicionais e inerte à crítica literária. Segundo Hollanda (2007, p.10),

A desierarquização do espaço nobre da poesia - tanto em seus aspectos materiais gráficos quanto no plano do discurso - faz lembrar a entrada em cena, nos idos de 60, de um gênero de música que, fazendo apelo tanto ao gosto culto quanto ao popular, conquistou a juventude universitária e ganhou seu lugar no quadro cultural. Foi a época dos Festivais de Canção e do Tropicalismo, do aparecimento de Caetano, Gil e Chico. Assim também, há uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexos entre poesia e público. Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legítimas pela crítica oficial.

Hollanda (2007) evidencia que a poesia marginal instaura um vínculo e uma aproximação com as pessoas que são deixadas à margem da sociedade, pois esta poesia carrega uma abordagem informal e trata da experiência vivida. Dessa forma, a autora afirma que essa linguagem simples contribui para encurtar a distância entre o poeta e o

leitor, que, por sua vez, não se vê com a incumbência de ser um intelectual para se relacionar com a poesia. Configura-se como uma forma de certificar para o leitor de que é possível ler e fazer poesia. Ademais, Holanda (2007), além de ressaltar o acesso da poesia às ruas, coloca em evidência a emblemática do sistema editorial que dificulta ainda mais esse alcance.

Chacal, um poeta marginal da década de 1970, almejava tornar sua arte acessível à massa, seja através de uma poesia que se assemelhe à língua falada, do coloquialismo, seja através de temas tidos como fáceis de compreender (GOMES, 2010). Deste modo, é plausível dizer que um dos grandes diferenciais que a poesia marginal carrega é, certamente, o de possuir uma escrita acessível a sujeitos de diferentes níveis sociais.

Vilar (2019) afirma que a poesia periférica ou poesia marginal, também inserida no movimento Slam das Minas, registra um passado que carrega histórias análogas contadas por uma comunidade marginalizada socialmente, além de mostrar que a poesia é um legado que cobra por justiça e por mudanças que acarretem um melhor amanhã. Vilar (2019, p. 9) conclui que o slam é “uma arte que fala a partir da periferia” e “de um passado escravagista colonial”. Desse modo, percebe-se que a Poesia Marginal e as vozes que ecoam nas periferias vão muito além de qualquer definição já estabelecida e são frutos de uma história de quem resiste para defender seu espaço na sociedade.

A Poesia Marginal também existe como meio de trazer a identidade de determinados sujeitos e de reafirmar sua existência. No que diz respeito à narrativa homogênea da cultura nacional, Vaz (2008) em um manifesto escrito para a Semana de Arte Moderna da Periferia, manifesta que “A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor. É TUDO NOSSO!” O manifesto expõe uma perspectiva artística, muitas vezes inviabilizada ou esteticamente indiferente pelas normas padrões e sociais. Ressalta a importância da união da Periferia para falar através da arte e para desconstruir as intolerâncias amargas trazidas pela sociedade, além de salientar a necessidade de a periferia falar por ela mesma.

A poesia marginal reafirma a voz do povo e tem sido fonte para que moradores da periferia historicamente excluídos possam produzir sua própria imagem e levantar sua própria voz. Para ancorar a análise da poesia inscrita no Slam da Minas, conforme dito anteriormente, este estudo elegeu os pressupostos teóricos da Análise do Discurso.

## 4 SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Analisar as poesias em uma perspectiva discursiva requer perceber que todo discurso está relacionado a um dado momento histórico e vinculado a determinadas crenças e visões de mundo que refletem a ideologia que atravessa as ações dos sujeitos que o disseminam. Vale ainda ressaltar que, na perspectiva da Análise do Discurso (AD), sempre se fala de um lugar de falha, de incompletude de um sujeito e de um simbólico rareado.

Como ressalta Foucault (1996), o discurso é um acontecimento que se estabelece por meio de regras e condições pré-estabelecida. É no discurso construído por meio de signos, palavras e letras que o sujeito constrói e dissemina suas ideias. Para o autor, o discurso é “um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.” (p.49). Há, portanto, nas margens do discurso, aspectos da vontade de verdade internalizadas no sujeito já que, em nossa relação com a linguagem, somos afetados pela ideologia e pelo inconsciente.

Do ponto de vista deste trabalho, a AD se atenta para a historicidade do dizer e busca compreender a produção de sentidos, tendo objetivo direcionado para a interpretação e para a historicidade do dizer. Contudo, é ainda necessário sublinhar alguns princípios que sustentarão a nossa análise e servirão de guia para o entendimento discursivo das poesias destacadas, o que será feito no próximo tópico.

### 4.1 Sujeito: língua, história e ideologia

A AD observa a língua em uso, inserida em um dado tempo e em um dado espaço, com enfoque para as condições de produção do discurso, para o lugar de fala do sujeito e para a ideologia propagada na situação discursiva. A língua é um fato social e, por isso, está sempre em movimento e não é uma estrutura fechada em si mesma. É válido destacar que a língua e a história manifestam relações contraditórias, uma vez que um mesmo acontecimento pode ter diferentes sentidos para os sujeitos. Os sujeitos, por sua vez, não devem ser vistos como uma entidade autônoma e independente das relações sociais em que vivem.

Orlandi (2005), ao tratar da relação linguagem, língua e ideologia, afirma que toda manifestação linguística materializa uma dada ideologia. A autora evidencia que a

linguagem não é transparente, assim como os sentidos e como a história. Ancorada nos estudos de Pêcheux, Orlandi defende o ponto de vista de que o sentido não está preso nas palavras, mas se constrói através de um efeito ideológico. Desta forma, é função do analista de discurso compreender como se dá a produção de sentidos bem como os gestos interpretativos contidos no objeto simbólico.

A interpretação e a descrição são, para Pêcheux (2002), práticas indissociáveis. No ato de descrever também se encontra o exercício de ter de interpretar os objetos que foram descritos. Deste modo, a interpretação em uma análise nunca será inteira, porque é construída a partir de (e com) um simbólico cuja natureza é inconsistente, contendo, em si, o equívoco. Segundo o autor, é necessário procurar refletir sobre o simbólico, o efeito de sujeito, de sentido e de história, que nunca é absoluto naquilo que representa.

Orlandi (2005) esclarece que, para a construção de sentidos, é necessário que o leitor, o autor e a obra se relacionem uns com os outros. Ou seja, a linguagem é não óbvia. Segundo a autora, a “linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (p.25). Ademais, na AD o sujeito não ignora a historicidade de seu tempo e, tampouco, sua formação social.

Assim como Pêcheux, Orlandi (2005) defende o postulado de que o sujeito é afetado pela ideologia e pelo inconsciente e difere-se do indivíduo, ser biológico, por se constituir discursivamente na linguagem e buscar sua completude na interação com o outro. O sujeito, na perspectiva teórica da AD, é clivado, assujeitado a uma dada posição nas práticas sociais. As condições de produção do dizer que profere e dos discursos que dissemina são determinadas historicamente pela língua e pela ideologia. Os sentidos são construídos por meio de paráfrases e polissemias. Estas, por sua vez, regem o funcionamento da linguagem.

Orlandi (2017), com base nos estudos de Pêcheux, traz uma reflexão sobre a relação entre sujeito, sentido e ideologia. Para a autora, a ideologia é percebida como constitutiva dos sujeitos e do sentido, considerando a materialidade da linguagem o seu real. A partir dessa modalidade de análise, é possível observar os processos de significação, ou seja, como os sentidos são produzidos, atentando, sobretudo, que não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. O ideológico e o inconsciente são tratados por Pêcheux como elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, sendo assim, de todo sujeito. Como tal, não podem ser pensados como elementos “residuais” da linguagem. De acordo com o autor, a ideologia se materializa na linguagem por meio do discurso. Ademais, são as relações discursivas situadas em diferentes práticas sociais que

determinam o dizer de um sujeito. Este, por sua vez, é assujeitado às condições de uma dada conjuntura. Assim, o discurso que propaga é afetado pelas condições históricas e sociais da qual é parte constitutiva.

Pêcheux (2014, p. 147) afirma que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. O discurso é entendido, na visão de Pêcheux (2014), como efeito de sentido entre locutores. Para o autor, o discurso materializa a ideologia, e o sujeito, ao produzir seu discurso, se esquece que o dizer que profere carrega um posicionamento atrelado às condições históricas e sociais às quais está inserido.

Para dar continuidade à discussão proposta, no próximo tópico, será apresentado um conceito de extrema relevância para os estudos do discurso, qual seja: memória discursiva (interdiscurso). Tal conceito é relevante neste estudo para tratarmos da política do silêncio que perpassa diferentes práticas sociais.

#### **4.2 O silenciamento na memória**

Analisar um discurso envolve uma reflexão sobre as relações interdiscursivas que perpassam as práticas sociais, ou seja: o que foi dito antes, como foi dito, por quem e o que desse dizer “ecoa” em outros dizeres proferidos em diferentes situações de interação. A memória discursiva, o interdiscurso, diz respeito ao diálogo estabelecido entre discursos e remete a um já dito. Trata-se de uma categoria relevante para este estudo, pois auxilia na reflexão sobre o silenciamento, o apagamento, bem como no jogo de dominação inserido em uma formação discursiva, por isso é necessário compreender melhor o conceito de memória aqui destacado e, também, o conceito de formação discursiva.

Achard (1999) apresenta questões acerca do modo como a linguística e o discurso se inserem nos estudos sobre a memória. O autor traz, também, uma reflexão de como o implícito se inscreve no imaginário. Para o autor, na perspectiva da Análise do Discurso, o implícito se encontra a partir de um imaginário que o representa como memorizado, e a enunciação discursiva, ao remeter a essa memória, o reconstrói. Achard (1999) defende o ponto de vista de que a estruturação do discurso concebe a materialidade de uma determinada memória social, e essa materialidade se efetiva por meio da fala. É importante sublinhar a noção de repetição. Para Achard (1999), a repetição só pode ceder sentido a uma unidade quando ela se inscreve em uma regularidade de repetições.

Pêcheux (1999) afirma que a repetição é caracterizada por um efeito de série de regularidades. O autor apresenta uma reflexão acerca dos implícitos que estão “ausentes em sua presença” (p. 46). Para ele, os implícitos de uma memória discursiva são sempre reconstruídos no jogo dos enunciados e, desse modo, a enunciação deve ser vista como um sistema que regula a retomada do discurso. O autor aponta que a regularização discursiva é suscetível de se desfazer diante de um novo acontecimento discursivo, desestabilizando, assim, a memória, uma vez que o acontecimento desregula os implícitos de um sistema de regularização anterior.

Pêcheux (1999, p. 44) discute o acontecimento inscrito na memória através do jogo de dupla forma-limite, a saber: o esquecimento que escapa à inscrição, que não se inscreve, e o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido. Para o autor, a memória não pode ser compreendida como um conteúdo homogêneo, uma vez que a memória é móvel, é um espaço de deslocamentos e de retomadas.

Orlandi (1999) expande essa ideia ao afirmar que a memória é realizada pelo silêncio, pelo esquecimento e pelos sentidos não ditos.

A memória - o interdiscurso, como definimos na análise do discurso é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer. (...) o sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. (ORLANDI, 1999, p. 58, 59)

Desse modo, para que o dizer possa produzir sentido, é preciso que ele já tenha produzido sentido anteriormente. De acordo com a autora, assim como a língua, a memória também está sujeita a falhas e é constituída pelo esquecimento.

Orlandi (2007) contribui para o entendimento do silêncio, de seus sentidos e de seus significados. O silêncio é visto como fator essencial, como a própria condição do significar, pois, segundo a autora, “há um sentido no silêncio.” (p.12). O silêncio permite o deslocamento e, dessa forma, visibiliza que todo discurso remete a um outro discurso. Ademais, a autora ressalta que o não-dito, ou seja, aquilo que é silenciado, é necessário para o dito.

No que diz respeito à política do silêncio, de acordo com Orlandi, ela pode ser subdividida em silêncio constitutivo e em silêncio local. O silêncio constitutivo é o que designa que, para dizer é preciso não-dizer, ou seja, uma palavra apaga, obrigatoriamente, outras palavras possíveis. Sempre que se fala algo, outros dizeres são apagados. Já o silêncio local, segundo a autora, remete à censura, àquilo que é proibido. Assim, a censura

proíbe os sujeitos de ocuparem certos lugares. Outra questão que merece destaque no silêncio local é que essa interdição provocada por meio da censura afeta a construção da identidade do sujeito. A identidade produzida pela nossa relação com a linguagem nos torna visíveis e intercambiáveis. Logo, não se pode apreender o funcionamento da linguagem sem compreender o silêncio nos processos de significação, pois é a possibilidade do silêncio que consente o sujeito a manter sua identidade.

É pertinente destacar o conceito de silenciamento proposto por Orlandi (2007), pois, a partir dessa noção, são postas outras questões acerca de “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc.” (p. 29). Para a autora, na perspectiva política, o silêncio pode ser posto tanto na retórica da dominação – a da opressão – quanto na retórica do oprimido – a da resistência. Orlandi ressalta que onde há silêncio há sempre a possibilidade de os sentidos migrarem para outros objetos simbólicos.

A autora ainda mostra que, para observar o silêncio no discurso, é necessário considerar a historicidade do dizer, bem como os processos de construção de sentidos. Ademais, a autora nos chama a atenção ao afirmar que o silêncio se mostra através de falhas e de rupturas, e conclui que é no silêncio que estão os outros sentidos. Outra questão abordada pela autora diz respeito ao apagamento do silêncio nos dias atuais – a ideia de romper o silêncio é percebida como uma forma de controle que objetiva fazer o silêncio falar ou, ainda mais, que objetiva fazer calar o sujeito.

Para a AD, os discursos não são isolados, mas são dispersos. A formação discursiva pode ser caracterizada por um processo de delimitação recíproca, pois há diversas Formações Discursivas inseridas em um determinado campo discursivo. Tais formações se aproximam em certos aspectos e se distanciam em outros. Desse modo, a Formação Discursiva pode ser caracterizada a partir de um conjunto de enunciados que vão sendo repetidos e/ou atualizados em diferentes momentos. De acordo com Foucault (2008), é através da dispersão dos enunciados que a unidade discursiva pode vir a ser evidenciada, pois, para o autor, é a partir das regularidades de dispersões entre um enunciado e o outro que é possível conceber uma formação discursiva.

As Formações Discursivas (FD) estão relacionadas com as Formações Ideológicas (FI), dado que as FI comportam como um de seus componentes uma ou mais FD interligadas que determinam o que pode e o que deve ser dito a partir de uma dada posição inscrita em uma dada situação de interação. As formações imaginárias, por sua vez, dizem respeito à maneira pela qual a posição dos participantes de uma dada interação intervém nas condições de produção do discurso. Para Pêcheux (1990, p. 82-83),

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentamos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso.

Dessa maneira, as imagens que os interlocutores constroem de si e do outro afetam as condições de produção discursiva e o discurso, inserido na Formação Discursiva, retoma uma série de afirmações que integram uma posição ideológica. Este apontamento ilustra como a Formação Discursiva é caracterizada, é através de um conjunto de enunciados repetidos e retomados em diversas circunstâncias, sendo a atualização desses enunciados ocasionados pela paráfrase ou pelo pré-construído - aquilo que retoma no discurso o que foi construído em discursos anteriores, como as vozes que ecoam nas poesias do Slam e as memórias a que eles remetem.

## 5 AS VOZES DAS POESIAS

Conforme dito, para a análise das poesias presentes neste trabalho foi utilizado como suporte teórico do discurso, como Michel Foucault (1996, 2008), Michel Pêcheux (1990, 1999, 2002, 2014), Eni Orlandi (1999, 2005, 2007, 2017), Achard (1999), Djamila Ribeiro (2017), entre outros. Tais estudos possibilitaram analisar o modo como os discursos são disseminados e as ideologias que os perpassam, além de contribuírem para o entendimento de que todo discurso é uma construção social que reflete uma visão de mundo relacionada à de seus autores e à sociedade em que vivem.

É a existência de uma formação discursiva e de uma formação ideológica racista na sociedade brasileira que permite o surgimento dos discursos manifestados nas poesias aqui analisadas. As manifestações racistas podem ser encontradas em uma série de outros discursos, ilustrando, assim, com uma dada FD é caracterizada a partir de um conjunto de enunciados que são repetidos e/ou atualizados em outros dizeres.

Um ponto de partida para analisar um discurso é observar um conjunto de formações discursivas que interagem em um mesmo momento histórico. Dessa forma, ao analisar as poesias destacadas, foi possível trazer recortes que elucidaram os questionamentos propostos neste estudo: como as mulheres se constroem discursivamente e como elas constroem discursivamente o outro por meio da expressão artística consistente no coletivo? quais temáticas foram as mais abordadas nas poesias declamadas e quais foram as reivindicações encontradas nas poesias declamadas por elas?

Para tanto, conforme dito anteriormente, foi feita uma pesquisa qualitativa a fim de analisar 15 poesias inscritas no Slam das Minas, enfatizando três dessas poesias para uma análise mais acentuada. Essas análises destinam-se a indicar como as poetas se constroem discursivamente e como elas constroem o outro no interior de cada poesia.

### 5.1 SLAM DAS MINAS RJ - FINAL 2017 - Carol Dall Farras



*Na ponta do abismo lá vai a mãe preta  
 aguenta o infinito num corpo  
 que o grito socorro acusa suspeito  
 não chora nem fala das mortes diárias  
 pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:  
 - preta é firme!  
 Teu corpo foi alvo da falta de amor  
 Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu  
 Quando na escura da noite  
 Um corpo fardado mirou se certeza  
 Por causa da cor  
 Mas preta é forte, sempre ouvi falar.*

A poeta constrói sua fala a partir de uma postura crítica aos discursos naturalizados pela sociedade de que *preta é firme!*, *preta é forte*, *negra aguenta*. Por meio desses enunciados, pode-se destacar uma memória discursiva que tenta colocar a mulher preta no lugar do trabalho braçal, do emprego da força física. O que está por trás desse dizer é o discurso instituído em uma sociedade patriarcal e racista de que a mulher preta foi feita para servir ao outro e para aguentar uma série de situações as quais a mulher branca não precisa se submeter. Ademais, a mulher preta, ao interagir com esse discurso, é convencida de que tem que ser forte o tempo inteiro. Nesse sentido, o discurso de que “preta é forte” é controlado por um posicionamento ideológico que traz convenções naturalizadas socialmente.

Ribeiro (2017) aborda a questão relacionada ao tratamento social imposto à mulher preta quando cita em seu trabalho o que é dito por Sueli Carneiro:

(...) nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalham

durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. (CARNEIRO, 2003, p. 50-51, citada RIBEIRO, 2017, p. 27)

Nota-se que há uma narrativa histórica que coloca a mulher preta em um lugar de quem aguenta e de quem deve aguentar a dor, o cansaço, a solidão. No entanto, a mulher negra é duplamente subjugada: por ser mulher e por ser negra, isto é, de acordo com Ribeiro (2017), ser o outro do outro. O discurso de que *preta é forte!* manifesta, também, uma relação de poder, pois apaga essas mulheres de outros espaços. Segundo Orlandi (2007, p. 143), a memória, nesse cenário, não é considerada em nível individual, mas histórico, pois “(...) não há dizer que se faça ‘fora’ da história. Todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que o toma em sua rede de significações.” Tendo isto em vista, os sujeitos, ao formularem os sentidos, inscrevem-se no interdiscurso, no já-dito.

Para Foucault (2008, p. 112), “não há enunciado que não suponha outros”. Sendo assim, quando Carol Dall Farras diz que *O grito socorro acusa suspeito*, ou ainda *pariu 5 vezes sem anestesia*, e também *dedos te apontaram ontem hoje o cano te aponta*, ela evidencia a posição de desprestígio social que esses corpos ocupam. Em concordância com Orlandi (2009), neste estudo, defende-se o ponto de vista de que o sujeito se ressignifica através de um discurso já dado. Sendo assim, o enunciado inserido na poesia, *Mas preto é forte, sempre ouvi falar*, evoca um discurso que só foi possível ser concretizado em decorrência de outros discursos que se deram previamente. O discurso materializado pelo outro, por sua vez, foi fundamental para que o sujeito materializasse o seu pensar.

*Mas preto é forte, sempre ouvi falar...*  
*Mãe preta resiste*  
*desde que não sabia o que era existir*  
*Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego*  
*dos atrasos da história que traçaram teu destino*

Carol Dall Farras exhibe os discursos que silenciaram essas mulheres ao repetir diversas vezes em sua poesia que o corpo negro é forte - *E pra cada abuso novo um branco te orienta: negra é forte, negra aguenta!* Esses dizeres proferidos pelo outro - pelo corpo branco - anulam a identidade da mulher preta ao impor uma outra identidade em que ela, ao manifestar a dor, estaria, de certa forma, negando a sua própria negritude.

Assim, esse corpo se encontra silenciado e submisso a um discurso outro que impera sobre a vontade e a verdade do negro.

É importante, para a AD, ouvir as vozes não ditas, mas presentes no discurso. Através da voz da poeta, vozes antes silenciadas ecoam - vozes dos seus ancestrais, vozes de mães negras, vozes de sua infância. Carol Dall Farras rompe a barreira do silêncio imposto ao corpo negro e luta para que esses discursos sejam desconstruídos. De acordo com Orlandi (2007, p. 102), “o silêncio não é a ausência de palavra. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. (...) as palavras vêm carregadas de silêncio”. Dito isso, ao atribuir uma virtude para o corpo preto de que *Preta é forte*, o discurso evocado pelo dizer visa estabelecer um controle sob esse corpo a fim de situá-lo à margem da sociedade. Com isso, o silencia. O silenciamento é uma forma de interdito em que o outro é impedido de dizer certas coisas e, portanto, de controle social. Trata-se, também, de uma forma de imposição de uma verdade sobre o a representação social no negro na sociedade.

O grito existente no Slam das Minas buscou descortinar a reprodução de uma escravidão velada atrás desse discurso. A poeta desconstrói o que é ser forte na visão do branco para construir o que é ser forte na visão do preto. A partir dessa premissa, é possível também observar o apagamento/silenciamento através da negação de um percurso diferente para as pessoas negras, uma vez que elas nascem com o destino já traçado. Assim como disse a poeta, logo o destino desse corpo está fadado a ser o mesmo de seus antepassados: o de ser alvo da sociedade. Ao enfatizar o termo “alvo”, remete-se a um objeto que tem como finalidade ser acertado, estar na mira, ser o escopo. O enunciado *na mira dos fardados e teu corpo foi alvo da falta de amor* ganham outros sentidos. Ora, o corpo negro ser alvo da falta de amor é, em um jogo de paráfrase, ser alvo do ódio ou da indiferença.

No trecho a seguir:

*Com a força dos ancestrais  
internalizou que aguenta  
imaginou o chicote lento  
na vértebra de um branco  
e viu que a força é um detalhe  
pra quem vive resistência.*

A slammer traz, em sua narrativa, a memória de uma história que resulta em convicções ideológicas atuais. Ao evocar a escravidão e ressignificá-la por meio do dizer que profere, *chicote lento*, na perspectiva do corpo negro que *imaginou o chicote lento na vértebra de*

*um branco*, a slammer apresenta aspectos da vontade de verdade internalizada em seu inconsciente.

Carol Dall Farras expressa o que subjaz nas relações de domínio de gênero e de raça e acrescenta, ainda, o legado que é passado de geração a geração, desnudando a falsa meritocracia ao salientar que, quando uma criança preta nasce, uma história carregada de luta e cansaço vem de mãos dadas com ela. Também traz à tona a objetificação sexual da mulher negra. Observa-se na poesia a presença do entrecruzamento das redes discursivas já-ditas, dizeres perpassados por discursos disseminados por outros sujeitos.

A poeta denuncia o abuso infantil e a hipersexualização das crianças quando diz:

*Vi o mundo cortar a foice minha passagem pela infância.  
Os homens que me olhavam revestidos de ganância,  
e pra eles não importa se trata de uma criança,  
hipersexualizar é o hobby da vizinhança.*

O termo foice evoca novamente a memória da escravidão. E a fala de Carol Dall Farras aponta para os infortúnios que matam a infância de crianças vítimas de assédio e deixa evidente que a estrutura patriarcal reforça, através de estereótipos, a violência articulada ao racismo.

À luz da discussão, a AD tem como preocupação interpretar o discurso na sua relação com a história e a língua, ou seja, as condições de produção do dizer, o acontecimento que ele instaura e o modo como algo que se diz é dito. Assim, a poesia de Carol Dall Farras encontra respaldo em um passado escravocrata e em uma sociedade contemporânea que carrega essa memória racista.

As rimas da poeta são rimas de enfrentamento, são rimas que denunciam as injustiças sociais que carregam resquícios de uma história marcada pelo racismo e pela violência. A slammer desnuda a falsa meritocracia e retrata a violência sofrida pelos corpos negros e periféricos que estão na *mira dos fardados*. O que é dito por ela materializa um discurso de denúncia das injustiças sofridas pelos corpos negros, sobretudo, pela mulher negra. A memória que ela evoca é de um passado arquitetado pelo ímpeto do homem branco que tentou e que tenta silenciar essas vozes.

## 5.2 MANA - Gênesis



*“Dói, um tapinha não dói, um tapinha...”*

*Dói sim!*

*Mana, o tapa que ele te deu  
em mim doeu*

*e agora eu entendo que tua garganta esteja fechada  
mas minha língua é afiada*

*e pela palavra eu vou retalhar o que nos fere.*

*Se ele quebrou o vidro e lambeu seu sangue  
pra te calar na briga (...)*

Uma ação muito frequente no movimento Slam é a integração de representações da arte popular. Este aspecto pode ser observado no início da performance “Mana”, pois há uma evocação de uma canção de Funk cujo nome é “Um tapinha não dói”, de MC Naldinho e MC Beth. A música é abordada como um alerta, uma vez que a poeta, em seu discurso, busca chamar a atenção sobre a violência contra a mulher. Contrapondo-se à letra da música – que, a propósito, estimula a violência –, Gênesis propõe um outro sentido para a música ao concluir que um tapinha: *Dói sim!*

A poesia de Gênesis faz uma intimação ao ato da denúncia em oposição à agressão contra a mulher. Quando a slammer diz *mana, o tapa que ele te deu em mim doeu*, ou *vou retalhar o que nos fere* ou ainda *e a cada dia nos reconhecemos amigas*, assim como em outros momentos da poesia, ela evoca a união das mulheres, pois alerta que, quando uma mulher é agredida, todas as outras se ferem junto dela.

A agressão contra as mulheres não é algo individual, mas social, assim a poeta mostra a importância da união feminina na luta contra o machismo. Reitera ainda a questão da denúncia e do poder da palavra como forma de encorajamento e de ruptura ao silenciamento imposto às mulheres. Além disso, desconstrói um ideal patriarcal e capitalista que promove a ideia de que as mulheres são competitivas e adversárias umas

das outras. A poeta deixa isso mais evidente no enunciado *bem que tentaram nos ensinar inimigas*.

*E a cada dia nos reconhecemos amigas  
bem que tentaram ensinar inimigas  
mas na hora do pega pra capá, você tinha uma aliada  
então, se tu bater o pé eu fico do teu lado sempre*

Para Orlandi (2017), “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (...) de que sua leitura necessita” (p. 63). Ademais, Achard (1999) afirma que o imaginário traz esses implícitos e os representa como memorizado. Quando o sujeito produz o seu discurso, ele remete a essa memória e a reconstrói. Desse modo, o que estaria implícito na fala de Gêneses é a acusação de uma sociedade que naturaliza a rivalidade feminina por fins lucrativos e patriarcais.

Gênesis aborda o silenciamento imposto a muitas mulheres que sofrem algum tipo de agressão e são induzidas a perdoar ao dizer *se ele quebrou o vidro e lambeu o sangue pra te calar na briga (...)*. Para Orlandi (2017, p. 86), “um sujeito em silêncio se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio”, logo, a poeta, ao ponderar esse corpo em silêncio, evidencia os sentidos que o atravessam. Ora, se esse corpo está em silêncio, pode ser, entre outros motivos, porque tem medo, porque sofre ameaças, porque foi persuadido a se enxergar como incapaz de viver sem a presença do sujeito abusivo. O grito da mulher vítima de violência ecoa na letra da poesia, conforme mostram os versos a seguir:

*Eu tô escrevendo pra provar que poesia não é brinquedo  
e eu tô cansada de sentir medo (...)  
Ou respeita as minas, as manas, as monas  
ou eu boto a boca no mundo  
acabo com a tua arrogância em três lances  
ou melhor  
1 8 0  
e não é só isso  
a mulherada tá mais braba que um catiço  
e eu sei  
que eu não ando só.*

Ao elaborar, analiticamente, a produção de paráfrase, é possível estabelecer relações entre os enunciados e investigar outros sentidos. Assim, ao observar o enunciado:

*eu tô cansada de sentir medo*

E a partir do processo metonímico, o enunciado pode vir a ser:

*eu sinto muito medo*

É afirmada a exaustão da figura feminina que vive constantemente sob as margens de uma sociedade que a reprime, subestima e humilha. O fato de uma mulher sentir medo é um acontecimento que se reproduz recorrentemente e isso diz muito sobre o espaço em que se vive. Este enunciado pode ser encontrado em diversos outros momentos, ressignificado em outras palavras, proferido em outros acontecimentos históricos, mas que trata de questões análogas: o apelo à igualdade de gêneros, a denúncia contra o feminicídio/machismo exarcebado, o cansaço do que é carregar o corpo de uma mulher em uma sociedade que mata, agride e desvaloriza as mulheres.

Em relação ao imaginário social que permeia o enunciado *eu tô cansada de sentir medo*, o termo medo, enquanto um sentimento histórico, social e significativo, gera um efeito de sentido diferente ao ser proferido por uma mulher do que por um homem. Assim, é possível certificar que as questões sociais afetam e produzem efeitos nos sujeitos uma vez que, de acordo com Pêcheux (2014), os sujeitos, em suas relações com a linguagem, são atravessados pela ideologia e pelo inconsciente.

O discurso patriarcal é construído na junção de diferentes formações discursivas, entre elas as formações de natureza religiosa e política. Esse discurso é afetado pelo poder que a ele foi destinado - histórico e socialmente. Sendo assim, é tangível que os sentidos que cruzam a poesia analisada se relacionam com a necessidade de ruptura, através do sujeito simbólico afetado pela ideologia que se significa e significa o mundo em que vive, buscando romper a estrutura social que constitui a figura masculina como detentora do poder. O simbólico afeta as práticas sociais ao ponto de que ser mulher nessas circunstâncias a impede de ocupar certos lugares e a sujeita, por exemplo, a sentir, quase que constantemente, medo.

No verso destacado acima, a poeta retoma o disk denúncia. Segundo Orlandi (2017), “para falar uma coisa pode-se falar outra.” (p. 17). Desse modo, ao dizer *meu pulso está batendo a 180 de pulsação* pode estar trazendo, em seus implícitos, um alerta para que outras mulheres se informem e se conscientizem de que podem pedir ajuda; sua fala é um incentivo a outras mulheres a denunciarem os seus agressores. E, ainda mais, sua fala é um aviso de que nenhuma mulher está sozinha, a poeta encoraja outras mulheres dizendo que elas têm umas às outras e que não estão só.

### 5.3 MANIFESTA SLAM DAS MINAS! - Carolina Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte E Pam Araújo



*Abra essa boca mulher!*  
*Fala mesmo!*  
*Tudo que nos foi privado será cobrado*  
*Que todas as bocas falem!*  
*Que todos os olhos voem!*  
*Que todos os corpos libertem-se!*  
*Que todas existam!*

No início da poesia, as poetas direcionam a fala para a mulher e não para o homem. A partir desse apontamento inicial, é possível analisar os efeitos de sentidos promovidos por meio do discurso inserido na poesia sob a luz das orientações de Orlandi (2017). De acordo com a autora, o corpo do sujeito está atado à sociedade que se torna parte do seu processo de significação: “o corpo já vem significado, penso ideologicamente. (...) Sentidos já dados. Estabelecidos e estabilizados.” (p. 93) Nesse viés, já se tem a imagem previamente construída desse corpo, uma vez que todos os corpos estão investidos de sentidos e os sujeitos são capazes de estabelecer uma relação com determinado corpo que já é atravessado por uma memória. Logo, a frase: *abra essa boca, mulher* produz sentidos diante de um corpo que tem sua historicidade traçada pelo silenciamento.

O pré-construído do enunciado de *Libertem-se* ou *Seremos livre* é “Não somos livres” e esta questão diz muito sobre a posição social que a mulher ocupa. Segundo Orlandi (2017), “(...) devemos considerar o que está dito na sua relação com o que não está e com o que poderia estar” (p. 141). Dessa forma, é explicado o uso do pré-construído que vem de uma memória discursiva a fim de evidenciar outros discursos que podem estar presentes na frase analisada. O fato de não serem livres remete às amarras da sociedade que impedem as mulheres de se expressarem através da roupa, do corpo e da palavra. É válido destacar que esse impedimento em relação à mulher negra e pobre é ainda mais acentuado.

Ao destacar acontecimentos que evidenciam os olhares distorcidos da sociedade diante de mulheres que rompem paradigmas impostos, os quais ditam como uma mulher deve se comportar, é possível observar essas amarras. De maneira mais incisiva, quando são evidenciados acontecimentos que relatam mulheres violentadas ou mortas por ações que encontram ancoragem em uma sociedade machista que apaga e silencia o corpo da mulher.

Na terceira estrofe, o assunto sobre homossexualidade é colocado em pauta e, mais ainda, a questão do assédio e da fetichização da mulher lésbica.

*Duas... mulheres que constituem família  
são duas mães mulheres  
Não nos insulte perguntando quem é o pai  
Não sexualize nossos beijos,  
não ofereça seu falo*

Há o apontamento de mecanismos sociais fundamentados em políticas de comportamento heteronormativo que influenciaram na domesticação dos corpos femininos e na padronização dos seus relacionamentos sexuais e amorosos. A esse respeito, Pinheiro (2017), organizadoras do Dyke Fest, festival lésbico feminista, em uma entrevista para o site Carta Capital, faz a seguinte afirmação:

Seguimos fetichizadas nas ruas e na mídia e a nossa sexualidade segue sendo infantilizada e banalizada, uma vez que a sociedade patriarcal só acredita no modelo heteronormativo de relação e afeto. Tal modelo legitima assédios, violências e a nossa total invisibilização, colocando, desta forma, nossas vidas em risco a todo momento.

Este apontamento abraçado nas palavras das poetisas: *Não sexualize nossos beijos, não ofereça seu falo*, reflete o machismo sobreposto no corpo e na sexualidade da mulher, como se a figura masculina tivesse o direito e a autoridade de invadir um espaço onde não foi convidado. O sistema heterossexual é produzido historicamente e instaura normas aos indivíduos sociais que ditam quem tem ou não o poder do dizer. Esses processos se aplicam em relação aos procedimentos de exclusão. Segundo Foucault (1996, p. 9), “sabe-se muito bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em quaisquer circunstâncias, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. E é também nas áreas da sexualidade e da política que essas dinâmicas se operam.

As poetisas ativam uma memória discursiva relacionada a um acontecimento específico ao manifestarem sobre os trinta e três homens que violentaram uma jovem de

16 anos em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro em 2016. Este fato retrata uma sociedade patriarcal que acredita ter poder sobre o corpo da mulher, que a objetifica, que a desumaniza e a trata como indivíduo secundário, pois tira da mulher a condição de sujeito, rouba-lhe a identidade. No final da sentença, as poetisas enfatizam o repúdio à violência contra a mulher utilizando um símbolo que virou campanha contra o assédio no Carnaval: *não é não! E ponto.*

Quando as Slammers trazem os nomes de Eloá, Elisa, Priscilinha, Ana Carolina, Maria da Penha e Cláudia, a memória discursiva é mobilizada por uma temporalidade histórica evocada pelo nome dessas mulheres que representam tantas outras mulheres que foram vítimas do machismo e tiveram suas vidas ceifadas pelo fato de serem mulheres. As slammers evocam a memória desses sujeitos e anunciam a importância de serem lembradas. Contudo, manifestam que a história dessas vidas interrompidas pelo feminicídio não seja mais repetida. Outra memória evocada diz respeito ao domínio social do corpo feminino, principalmente do corpo negro, conforme pode ser observado a seguir:

*se nossas saias foram levantadas na senzala  
hoje nós levantamos o tom  
e com o peito e a memória calejados  
não nos calamos, não mais*

A memória discursiva de uma história escravocrata é trazida quando as poetisas apontam para as suas ancestrais que foram silenciadas e vítimas de abuso sexual e de ações autoritárias do homem branco. E, em contrapartida, agora elas levantam o tom para mostrar que o outro não tem mais o poder de fazê-las calar. Ao reforçarem a afirmação de que não se calam mais, elas dizem, também, sobre esse silêncio da memória. Ou seja, anunciam que um dia foram caladas, mas hoje rompem os bloqueios desse silenciamento.

Segundo Orlandi (2005), o analista do discurso deve se atentar às relações ideológicas que atravessam o sentido. Ademais, deve buscar observar que, entre inúmeras possibilidades de formulação do enunciado, o sujeito disse x e não y, é possível pensar nos motivos que o levaram a formular seu dizer da maneira como foi apresentada.

É importante ponderar nesta análise o compromisso que o dizer destacado tem com a memória escravocrata e patriarcal. Foi a partir desse compromisso que as slammers não economizaram em mostrar o poder e a força de suas palavras, intimando aqueles que as subjugam e afirmando para eles que a história escravocrata não iria mais se repetir, pelo contrário, se inverteria, afinal quem está com o poder da palavra, agora, são elas. As poetisas deixaram uma implicação de empoderamento e resistência para outras mulheres

pretas. E ao evocarem suas ancestrais e dizerem que não mais se calarão, elas vingam a memória dessas mulheres.

Há o sentimento de liberdade em toda a poesia, a vontade de que os gritos não precisem mais ser gastos por outra razão que não a da luta, da liberdade e do gozo. Gozo em todos os seus diversos sentidos, pelos prazeres do corpo e da alma consentidos pela potência de ser quem é. As poetisas deixam um recado para o outro que tenta oprimi-las no enunciado: *E não duvide da nossa força. Andamos de mãos dadas em meio a tanta ordem imposta.* Para Orlandi (2007, p. 83), “o autor escreve para significar (a) ele-mesmo.” Assim, no final da poesia, as poetisas revelam o que querem, o que vieram mostrar e, mais ainda, revelam quem são. São “o Slam das Minas, das monas e das monstras”.

Ao se representarem, assim, se reconhecem enquanto movimento, enquanto um grupo que acolhe as diferenças - mulheres cis, trans, homossexuais... e, ao resignificarem a palavra “monstras”, se reconhecem fortes, potentes e capazes de lutar contra a opressão imposta.

#### **5.4 Relação discursiva entre as poesias**

Antes de iniciar as relações discursivas das poesias, é válido retomar e evidenciar alguns conceitos que permearam a análise. Foi sublinhado que em nossa relação com a linguagem, somos afetados pela ideologia e pelo inconsciente. Pêcheux (2014) afirma que ambas são estruturas-funcionamentais ligadas materialmente pela linguagem. Tal fato sustenta a noção de que o sujeito não é o íntegro e puro autor do seu dizer. Ademais, para um dizer produzir sentido, é necessário que já tenha tido um significado anteriormente.

A língua se encontra ligada à história e aos sujeitos, logo, seu interesse é evidenciar que os fatores sociais atuam diretamente no uso da língua. A AD se atenta para a historicidade do texto e busca compreender sua produção de sentidos. O objetivo da AD é direcionado para a interpretação e para a historicidade do dizer.

É relevante salientar que os sentidos nunca se fecham e podem sempre ser outros. As interpretações, assim como as condições de produção discursiva, dependem de condições históricas e sociais específicas que induzem para um certo entendimento - mesmo com outros tantos caminhos possíveis de interpretação. Não há como pensar em interpretação distante da ideologia e do sujeito.

A partir do referencial teórico da AD, foi proposto neste estudo: analisar como as poetisas/slammers se constroem discursivamente e como elas constroem discursivamente o outro por meio da expressão artística do movimento; observar quais temáticas foram as

mais abordadas nas poesias declamadas e analisar quais foram as reivindicações encontradas em seus discursos. Buscou-se realçar que elementos participam da ação discursiva, que discursos são evocados e que discursos são refutados, mantendo o olhar sempre atento aos não ditos no interior do que foi dito.

A partir das análises, foi possível observar um sujeito que se constrói a fim de mostrar para o outro e para afirmar para si mesmo quem é. Esse sujeito busca romper os paradigmas e estereótipos sociais que visam colocá-lo em um local subalterno da sociedade. As poetisas evidenciam para outras mulheres, sobretudo para mulheres pretas, que elas não estão sozinhas. As poetisas constroem um sujeito atento a sua história e a sua realidade, que luta e que, mesmo com tantas feridas, resiste. Através da defesa da mulher negra e através da autorepresentação, as poetisas exibem esse sujeito que tem a força em sua imagem e em sua voz. Sobretudo, manifestam, constantemente, o desejo dos direitos que historicamente foram negados a ela: o direito à voz, à liberdade de expressão e à existência.

As poetisas constroem uma representação do outro - ainda que esse outro não as ouça. Ele é retratado como um sujeito violento, manipulador e egocêntrico. Um corpo que visa silenciar outros corpos na tentativa de ser o dominante. Um sujeito que traz uma história sustentada pela agressão e pela ganância de possuir o poder. Nas poesias é possível observar as mulheres se dando o direito a voz enquanto o outro continua tentando silenciá-las.

Os discursos dessas mulheres refutam discursos disseminados socialmente. Por meio de seus gritos, essas poetisas refutam discursos outros que circulam na sociedade em relação à mulher, principalmente, em relação à mulher negra. Discursos, majoritariamente, racistas e machistas. Os discursos manifestados nas poesias reconstróem o período escravocrata por meio de uma visão que traz questões sociais, políticas e ideológicas construídas nas relações interdiscursivas. Os discursos promovidos a partir das poesias denunciam o machismo e o racismo estrutural. Com um ato de coragem, as poetisas constroem seu discurso para relatarem a violência sofrida pelos seus corpos.

Nas poesias há a presença de mulheres que questionam o tratamento social dado a elas e questionam como são vistas pelo outro. Suas manifestações são atos de resistência e de perseverança, visando construir um amanhã pautado na igualdade, na justiça e no respeito. Dessa forma, os discursos inscritos nas poesias visam acolher mulheres que, durante muito tempo, tiveram suas imagens apagadas e suas vozes reduzidas a uma

narrativa branca e masculina. Essas mulheres percebem o lugar social que é atribuído a elas e estão se dando o direito a voz para dizerem que existem e que sabem quem são.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se analisar o discurso inscrito em uma prática específica: Slam da Minas, mais especificamente, as poesias que são declamadas pelas slammers. Para fundamentar a análise, utilizou-se como pressupostos teóricos estudos desenvolvidos no âmbito da Análise do Discurso. A proposta assumida neste estudo busca romper o silenciamento e evidenciar vozes que, um dia, foram destinadas ao esquecimento. Nas análises realizadas, foram abordados aspectos que retratam a história e a realidade de mulheres, com destaque para as mulheres pretas que incorporaram as poesias para que as novas narrativas pudessem transpor o olhar do homem branco que por muito tempo falou por elas e se apoderou dos corpos delas.

Este estudo, em seu primeiro momento, buscou revelar algumas especificidades do Slam das Minas e apresentar a importância do movimento que objetiva romper atitudes sociais preestabelecidas e que aludi à representação de participantes múltiplos, com suas próprias vivências, mas que protestam em prol de ideais singulares. Assim, esses sujeitos se representam e se unem na e pela poesia.

Neste trabalho, também foi traçado um panorama para abordar alguns conceitos inseridos na Poesia Marginal e identificar a relação da marginalidade com o coletivo Slam das Minas. Em seguida, foi exposto, com o auxílio de estudiosos da Análise do Discurso, fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa presente.

No último momento, as poesias destacadas foram analisadas, foi estabelecida a relação discursiva entre elas e foi possível observar como o sujeito se constrói e como ele constrói o outro, quais foram os temas abordados, os elementos que construíram a ação discursiva e os discursos que foram evocados bem como os que foram refutados pelas poetas.

As análises mostraram que o racismo e o machismo são preconceitos estruturais ainda presentes em nossa sociedade, embora muitas pessoas ainda insistam em dizer o contrário. As batalhas de poesias do Slam das Minas colaboram para a construção da identidade de mulheres que querem mostrar que são excluídas socialmente, mas que ganham voz porque se dão o direito a voz. Dessa forma, elas promovem uma ruptura com algo que as subjogaram, situando-as à margem da sociedade. É possível afirmar a necessidade de abrir espaços para que novos olhares e novas vozes se representem, afinal as poesias constituem-se com a intenção de que novos corpos (femininos e negros) se

sintam representados e deem andamento a uma luta que visa transformar a sociedade em um lugar mais justo e igualitário.

Como proposta para trabalhos futuros, foi pensado em analisar, através das interações de batalhas virtuais realizadas pelo movimento Slam das Minas, como esse grupo ainda é situado à margem da sociedade e como esse movimento ainda é visto socialmente como um movimento não político, não intelectual e não cultural, mas resumido como um movimento periférico. Quais as causas para que esse movimento ainda não seja reconhecido socialmente? Quais as razões do movimento, apesar de estar constantemente crescendo, ainda não contemplar públicos e espaços abrangentes? Através da interação e das visualizações dos vídeos publicados pelo Slam das Minas, é possível trazer evidências que comprovam que o grupo ainda está à margem da sociedade e analisar, a partir desses dados, questões relacionadas à segregação social.

## 7 REFERÊNCIA

ALMEIDA, Marina. Slam das minas: mulheres na batalha poética. Escrevendo para o futuro, 07 de dezembro, 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>

BALBINO, Jéssica. *Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica*. Unicamp, Campinas, SP: [S,N.], 2016.

CAMPOS, Igor Richielli Braga. *Poesia e periferia: vozes marginais nos saraus literários do Coletivoz e na poesia de Sérgio Vaz*. Revista do Instituto de Ciências Humanas, [S.l.], v. 10, n. 13, p. 106-128, dez. 2015.

Correio Braziliense. ``Slam das Minas' reúne mulheres em competição de poesia. Correio Braziliense, 2016. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/13/interna\\_diversao\\_arte,552957/slam-das-minas-reune-mulheres-em-competicao-de-poesia.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/13/interna_diversao_arte,552957/slam-das-minas-reune-mulheres-em-competicao-de-poesia.shtml). Acesso em: 08 out de 2016.

D'Alva. Roberta Estrela. *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry slam entra em cena*. Synergies Brésil n 9 - 2011 pp. 119-126.

FREITAS, Daniela. *Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência*. Scielo, Brasília, 27 jan, 2020.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

Gomes, Renata Gonçalves. "Olhos pardos e Olhos Vermelhos: Ana C. & Chacal." *Boletim de Pesquisa NELIC 3* (2010): 105-116.

HOLLANDA. Heloisa Buarque de. "Prefácio a 26 Poetas Hoje". In: 26 Poetas Hoje - 6a ed - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

MATOSO, Glauco. *O que é poesia marginal?* São Paulo: Brasiliense, 1981

OLIVEIRA, Amanda. *Slam das Minas: é um espaço seguro para falar sem ser julgada - batalhas de poesias femininas abordam machismo, racismo e homofobia*. Capricho, 24 de março, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos - 5 ed - Campinas - SP: Editora Pontes, 2005.*

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos - 6 ed. - Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2007.*

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia - 3 ed. - Campinas - SP, Pontes, 2017.*

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD- 69). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (org.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; ORLANDI, Eni P. et ali. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 7ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PINHEIRO, Natália. CartaCapital, 29 DE AGOSTO DE 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/nos-lesbicas-seguimos-fetichizadas-nas-ruas-e-na-midia/>.

Portal Kondzilla. Slam das Minas é feito pelas e para as minas. Portal Kondzilla, 2018. Disponível em: <https://kondzilla.com/m/reliquia-os-bones-de-croche-vem-caindo-novamente-no-gosto-da-massa-funkeira>. Acesso em: 24 out de 2018.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

VAZ, Sérgio. Cooperifa - *Antropofagia Periférica*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2008.

VILAR, Fernanda. *Migrações e periferia: o levante do Slam*. Scielo, Brasília, n 58, e588, 2019.

## 8 ANEXO

### POESIAS ANALISADAS

- Poesia - MINIMILIMETROS - Luz Ribeiro:  
<https://www.youtube.com/watch?v=09KDfTVPAeE>
- Slam da Ponta Poesia Receita - Mariana Feliz  
[https://www.youtube.com/watch?v=\\_KFYBWxwbqg&t=47s](https://www.youtube.com/watch?v=_KFYBWxwbqg&t=47s)
- Verdade seja dita - Mel Duarte  
<https://www.youtube.com/watch?v=jVbtgOn1CPM>
- Mãe autônoma - Thata Alves  
[https://www.youtube.com/watch?v=3L\\_NdBGYOZw&t=55s](https://www.youtube.com/watch?v=3L_NdBGYOZw&t=55s)
- Slam das Minas RJ - FINAL 2019 - Ryane Leão  
<https://www.youtube.com/watch?v=Jbgx8tuQULw>
- Slam das Minas RJ - FINAL - Brenda Lima  
<https://www.youtube.com/watch?v=-hKrrZNgjRI&t=78>
- Slam das Minas RJ - 2018 #7 - Andréa Bak  
<https://www.youtube.com/watch?v=aDTF11pahv8&t=37s>
- C.O.R.A.G.E.M (2017) - Tayla Fernandes  
<https://www.youtube.com/watch?v=rTABQUd0CRo&t=58s>
- Mariana Félix no Slam Das minas- Baseado em Escrotos Reais  
• <https://www.youtube.com/watch?v=Q9rK9qjOBlo>
- Slam das Minas / BA - Amanda Denis  
<https://www.youtube.com/watch?v=qWiHhhOQUdQ>
- Slam das Minas / BA - Mariéveli Codan, vencedora da 4 edição  
<https://www.youtube.com/watch?v=h3rIJweUbra&t=64s>
- Slam das Minas / BA - Maiara Silva  
<https://www.youtube.com/watch?v=nwvNi40AoQE&t=24s>
- **Slam das Minas RJ - FINAL - Carol Dall Farras**  
[https://www.youtube.com/watch?v=DbQXv\\_jcCXE&t=32s](https://www.youtube.com/watch?v=DbQXv_jcCXE&t=32s)
- **Mana - Gênese**  
<https://www.facebook.com/slamdasminasrj/videos/1076033325906206>
- **Manifesta Slam das Minas! - Carolina Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte E Pam Araújo**  
<https://www.youtube.com/watch?v=xLJWFiGYNwo>